

## Notas sobre inscri(ssurei)ções de movimentos sociais: ressignificação e revascularização discursivas

Roberto Leiser Baronas

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Marilena Inácio de Souza

Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

"As resistências: não entender ou entender errado; não "escutar" as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira, que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras da sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras...

E assim começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido do interior do sem-sentido.

E através dessas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma ordem, a partir da qual o lapso pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição: o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um *acontecimento histórico*, rompendo o círculo da repetição".

Michel Pêcheux, 1990.

**Imagem 1.** Enunciado grafado no muro do cemitério Nossa Senhora do Carmo de São Carlos em São Carlos – SP<sup>2</sup>.



<sup>1</sup> Uma versão bastante modificada deste texto foi publicada na *Alfa: Revista de Linguística*, volume 66, em 2022. O artigo está disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/13708>. Outra versão modificada deste texto foi apresentada em mesa redonda, intitulada *Análise do discurso digital e Linguística popular: intersecções*, no Laboratório de Estudos Urbanos - LABEURB do IEL da UNICAMP, em 27 de outubro de 2022. Essa apresentação pode ser acessada no canal do YouTube do Labeurb em: <https://www.youtube.com/watch?v=rz7bFt2kr2Q>. Uma outra versão bastante modificada desse capítulo foi apresentada durante a programação do XIII Encontro de Pós-Graduandos em Estudos Discursivos da USP (EPED-USP) em 2023. A programação está disponível em: [https://eped.fflch.usp.br/XIII\\_EPED](https://eped.fflch.usp.br/XIII_EPED).

<sup>2</sup> Agradeço ao nosso aluno de graduação da Linguística, o Lucas Nascimento, por gentilmente fotografar a inscrição "Muro vazio. Povo mudo".

## Uma breve nota de advertência

Ao longo dos últimos anos, nos estudos discursivos praticados no Brasil e no exterior, diversos têm sido os trabalhos acadêmicos que buscam compreender o funcionamento dos gestos de resistência nas práticas discursivas dos movimentos sociais. Esses trabalhos de extrema relevância social e pertinência teórico-metodológica para o campo dos estudos discursivos, no entanto, se concentram na análise dos discursos de coletivos, que de alguma forma historicamente conquistaram (à duras penas, a bem da verdade) visibilidade perante a opinião pública. Nosso trabalho, ao contrário, busca no batimento discursivo descrição/interpretação, apresentar como alguns grupos sociais minoritários (coletivos de alunos, de catadores, de moradores de rua...), praticamente invisíveis ainda junto à opinião pública, constroem por meio de práticas discursivas como o grafite e outras formas de manifestação, entendidas por nós como inscri(ssurei)ções, estratégias discursivas de resignificação e de revascularização dos insultos e dos diferentes ataques que recebem de boa parte das instituições e da sociedade brasileira. Teórico-metodologicamente nos apoiamos nos trabalhos de Paveau (2017/2021 e 2022) e em Maingueneau (2015 e 2022).

## Primeiras palavras

Durante o ano de 2016, diversos enunciados geralmente misóginos ofendendo a ex-presidenta Dilma circularam pelas cidades brasileiras, desde pichações até adesivos colados no tanque de combustível dos carros. O enunciado “Fora Dilma!”, por exemplo, esteve muito presente, não só, mas, sobretudo, nos grandes meios de comunicação, em diferentes dispositivos languageiros. À época, fevereiro de 2016, nos porões do Congresso Nacional e nas salas da Casa Grande, o Golpe Parlamentar e, para sempre lamentar, que depôs a presidenta Dilma do governo, estava em franco processo de maquinação.

Num muro específico de Florianópolis, o sutil e genial trabalho de um locutor anônimo estava escrito com grafite majoritariamente em preto “Força Dilma!”. Visualmente, o cedilha havia sido grafado posteriormente com grafite

em vermelho, dando para inferir que um primeiro locutor escreveu em preto “Forca Dilma!” e o outro ressignificou esse enunciado para “Força Dilma!”, ao acrescentar, em vermelho, um pequeno traço, transformando-o em cedilha. O trabalho do último locutor, com o acréscimo de um pequeno sinal diacrítico à letra C, evidenciou que esta palavra não tem mais som de “cá” [k’a] e sim de “esse” [‘ɛsi]. A partir do uso do grafite vermelho, o enunciado mudou completamente de sentido, e o que era a intenção de uma espécie de sentença de morte, metonímia para o pedido de impeachment – “Forca Dilma!” – se tornou uma demonstração de apoio a Dilma – “Força Dilma!”. O mais interessante nesse exemplo é que este cedilha intruso em vermelho, engendrado pelo inconformismo de um sujeito que se sentiu ofendido, deixa evidente a renhida disputa pelos sentidos entre diferentes grupos sociais que marcou, desde o início, todo o processo de deposição da primeira presidenta brasileira legitimamente eleita.

O exemplo em questão, embora produzido fora do ambiente digital, poderia talvez ser entendido como uma ressignificação. Em outras palavras, ele é pertinente para mostrar a inversão semântica e axiológica, por recontextualização do enunciado ofensivo “Forca Dilma!”, a partir de sua carga ofensiva, efetuada pelo sujeito agredido com efeito reparador, transformando esse enunciado com base em um sutil ato de subversão de sentido, o acréscimo em vermelho do cedilha intruso, em “Força Dilma!”. O sujeito, em vez de incorporar a ofensa que lhe foi desferida produziu uma resposta discursiva e ideologicamente inovadora.

## 1 Sobre ressignificação discursiva

Marie-Anne Paveau (2019a, 2019b, 2020 e 2021) apresenta uma tipologia das práticas tecnodiscursivas ressignificantes, baseando-se em três categorias: 1. a recontextualização enunciativa, quando um enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma ressignificação; 2. a publicação analógica, quando o enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma ressignificação que passa a circular em contextos distintos dos quais inicialmente circulou e 3. a produção de um dispositivo cultural ou intelectual, quando o enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma

ressignificação, que passa a circular em contextos distintos dos quais inicialmente circulou e essa resignificação se transforma num dispositivo cultural e intelectual de resistência. Nesse sentido, a autora propõe uma

teorização da resignificação, de modo a convertê-la numa noção operatória para a análise do discurso, na esteira de Butler, do trabalho de Brontsema, pesquisas anteriores sobre a noção (Paveau 2013a, 2017a, 2017b, 2019) e integrando igualmente a perspectiva de Kunert. Essa teorização excede a própria prática de reapropriação das designações de pessoa e se desvencilha da abordagem lexical ou categorial frequentemente apresentada para exemplificar a resignificação. Ela se abre para outras práticas e táticas discursivas, permitidas pelos universos discursivos digitais, mas não por eles apenas, envolvendo não somente os designativos, mas os discursos, os signos, as imagens, os sons. A resignificação não é, portanto, apenas um processo semântico-pragmático, mas um dispositivo discursivo total, que envolve formas discursivas variadas e plurissemióticas [das quais os sujeitos ofendidos se valem para responder aos seus ofensores] (Paveau, 2020, p. 30).

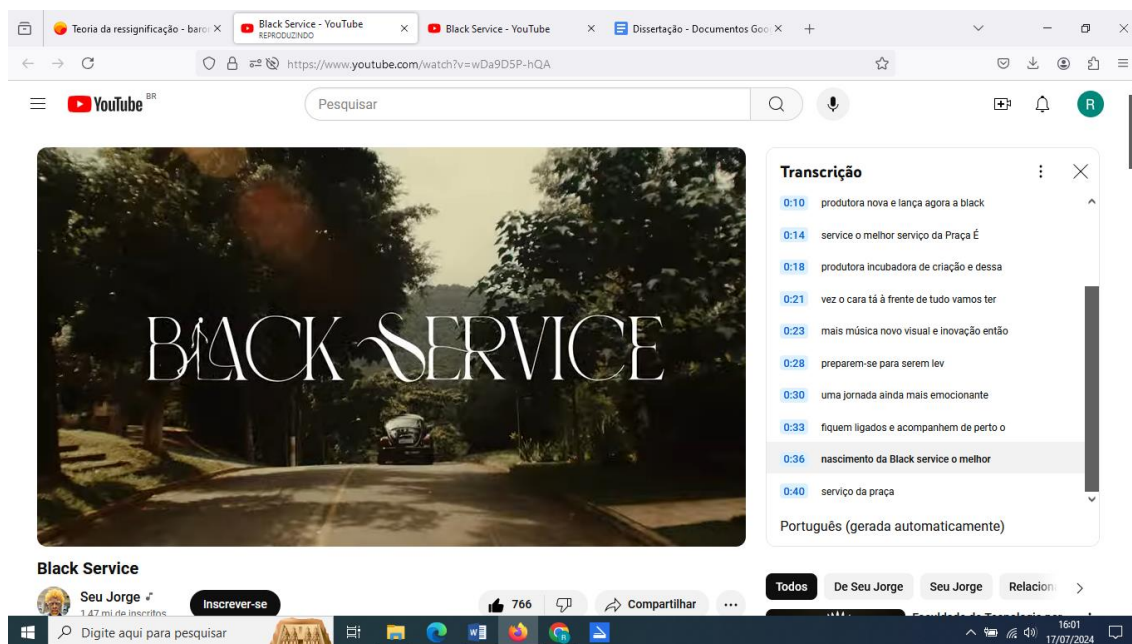
Para analisar a resignificação em contextos digitais, a partir das três tipologias propostas, a pesquisadora francesa propõe ainda sete critérios linguístico-discursivos, que, segundo ela, constituem a resignificação como processo discursivo:

1. critério pragmático: existe uma ferida languageira provocada pelo insulto, estigmatização, ataque etc. a respeito da identidade de uma pessoa ou grupo;
2. critério interacional: uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida;
3. critério enunciativo: o sujeito agredido é a origem enunciativa da resposta, que ele retoma do enunciado ofensivo por conta própria como auto-categorização, ou ele provoca uma simples recontextualização;
4. critério semântico-axiológico: o enunciado-resposta compreende uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica;
5. critério discursivo: o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado pela "abertura a contextos desconhecidos" (Butler, 2005, p. 234);
6. critério sócio-semântico: o uso recontextualizado do elemento languageiro é julgado como aceitável e reconhecido como tal pelos sujeitos implicados, que formam um sujeito coletivo;
7. critério pragmático-político: o enunciado resignificado é revolucionário, pois produz uma reparação e uma resistência, ampliando a coesão do sujeito militante (Kunert, 2010) (Paveau, 2020, p. 39).

Com base nesses 07 critérios, a autora define a ressignificação como uma prática linguageira, linguística e material de resposta (2) a um enunciado ofensivo (1), efetuada pelo sujeito agredido pela auto-categorização ou recontextualização simples (3), que estabelece um retorno do enunciado ofensivo (4) num contexto alternativo (5), o novo uso sendo aceito coletivamente (6) e produzindo uma reparação e uma resistência (7).

O exemplo a seguir é uma ressignificação da expressão racista “serviço de preto”<sup>3</sup>, muito comum em diferentes ambientes, no contexto brasileiro. Vejamos a imagem a seguir. Trata-se de um vídeo postado na Rede Social YouTube pelo cantor e compositor negro Seu Jorge, em 01 de maio de 2024 (<https://www.youtube.com/watch?v=wDa9D5P-hQA>), quando da divulgação da sua produtora, Black Service<sup>4</sup>:

Imagem 2. Print do vídeo de Seu Jorge postado no YouTube



Fonte: YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/wDa9D5P-hQA>.

Na descrição do vídeo, pode-se ler:

<sup>3</sup> No dicionário Informal, é possível ler o seguinte sentido para a expressão racista serviço de preto: “Termo usado para definir um trabalho relaxado, com origem racista, classificando os negros como trabalhadores desleixados”. Disponível em [Serviço de preto \(dicionarioinformal.com.br\)](https://dicionarioinformal.com.br)

<sup>4</sup> Esse dado precioso nos foi repassado pela Colega e Amiga Marinez Nazzari do PPGEL da UFMT, a quem agradecemos a gentileza e a solidariedade acadêmica.

"A Black Service é um sonho que nunca foi embora. Uma ideia cheia de dom e uma pitada de teimosia. Um sonho que agora começa ganhar corpo e movimento. O tempo me deu um bocado de coisas: experiências, pessoas, relacionamentos, novas possibilidades. Criando espaços que até então não existiam na minha vida. Isso construiu um espaço de criação: um lugar de boas ideias, conexões, novas possibilidades e acesso. Chegou o seu tempo de experimentar, conhecer e fazer parte desta conquista! Sejam bem-vindos a Black Service, O Melhor Serviço da Praça!

O exemplo acima, uma expressão em língua inglesa, Black Service, com um ethos positivo, em uma cenografia em que o cantor dirige seu fusca preto, em uma rodovia, ressignifica a expressão racista, "serviço de preto". Nesse sentido, assim como outros exemplos já bastante conhecidos como *drag*, *queer*, *puta* ou *vadia*, usados em contexto militante como elementos lexicais portadores de confiança, são derivados desse processo; os valores negativos são reapropriados pelos locutores e metabolizados em diferentes marcadores. No caso do Seu Jorge há ainda um outro elemento que é a utilização comercial, publicitária da ressignificação. Esse processo pode ser uma das estratégias de luta contra as opressões ligadas ao gênero, ao sexo ou a raça nos movimentos contemporâneos, tática essa descrita e teorizada por Judith Butler, em 1997, no livro *Le pouvoir des mots*, e mencionada alguns anos antes por Donna Haraway no *Manifeste cyborg* (1991) por meio de uma analogia animal: assim como as salamandras que reparam suas feridas promovendo o crescimento dos membros, as pessoas feridas têm a possibilidade, *a partir de e no lugar da sua ferida* (esses marcadores linguísticos são essenciais), de produzir um discurso reparador, restaurador e reabilitador. Cumpre dizer que a ofensa não necessariamente precisa estar textualizada, ela pode estar, como é o caso do vídeo *Black Service* do Seu Jorge, no interdiscurso.

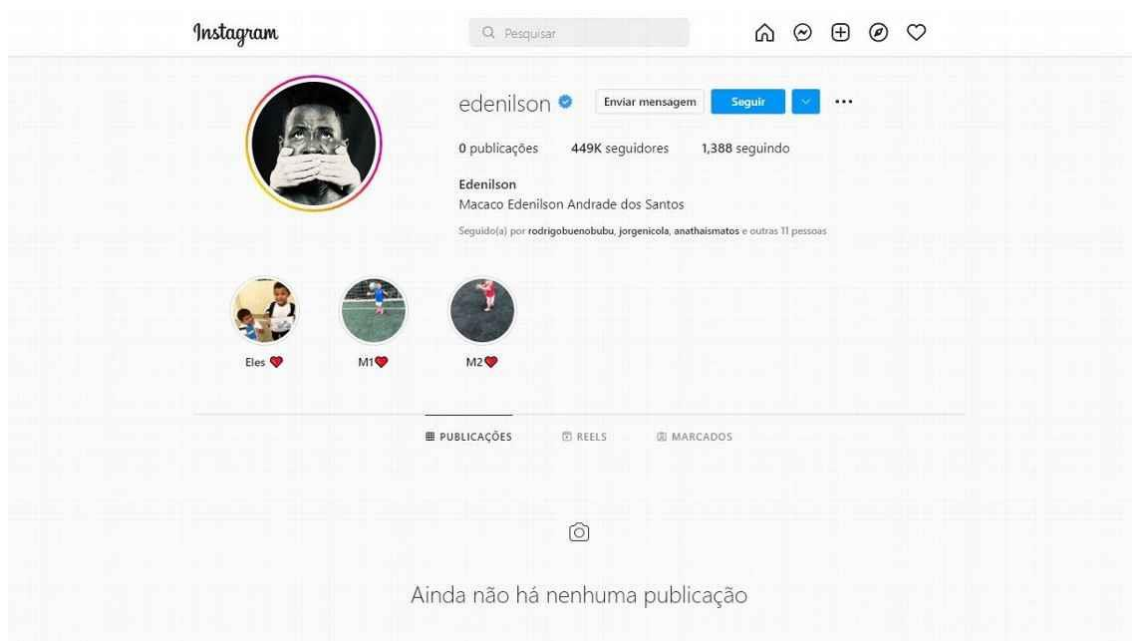
## 2 Um dado problema

Durante a partida entre Internacional e Corinthians, no dia 14 de maio de 2022, pelo Campeonato Brasileiro, o jogador Edenilson disse que foi chamado de "macaco" pelo jogador Rafael Ramos. O laudo afirma que, pelas imagens, não foi possível ver o movimento da língua do jogador do Corinthians. A situação iria facilitar na conclusão sobre o estudo, permitindo que fosse possível descobrir o que foi dito pelo atleta. O recurso de leitura labial foi

descartado por não ter validade jurídica. Por conta disso, não existem elementos sonoros para aprofundar a pesquisa, então o caso segue sem um resultado definitivo. Os peritos escreveram que “Sobre o pedido de exame pericial de leitura labial, ressalta-se que não foi encontrada metodologia científica, aplicada à análise forense de vídeos, que sustente esse tipo de trabalho. Existem apenas publicações sobre percepção visual da fala e aprendizagem de leitura labial”.

Em um gesto de resistência, o atleta mudou o nome do seu perfil oficial do Instagram para “Macaco Edenilson Andrade dos Santos”. Também a sua foto de perfil foi substituída por outra. Nessa última aparecem sobre o rosto do atleta duas mãos, marcadamente brancas, pressionando/calando a sua boca.

Imagem 03: Post publicado na rede social Instagram no perfil do jogador de futebol Edenilson.



Edenilson mudou seu nome para 'Macaco Edenilson' no Instagram Reprodução/Instagram

Fonte: ESPN. Disponível em:

[https://www.espn.com.br/futebol/artigo/\\_id/10486719/edenilson-muda-nome-macaco-rede-social-apos-laudo-policia-rs-nao-confirmar-ofensa-racial-rafael-ramos](https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/10486719/edenilson-muda-nome-macaco-rede-social-apos-laudo-policia-rs-nao-confirmar-ofensa-racial-rafael-ramos)

Outro dado problema: no domingo, dia 21 de maio de 2023, o jogador brasileiro Vini Jr. foi mais uma vez vítima de racismo, em partida pelo campeonato espanhol, entre Real Madrid e Valência. Durante o jogo, parte da torcida do Valência, presente no estádio Mestalla, hostilizou fortemente o jogador brasileiro com gritos racistas de *mono*, macaco em espanhol. No

segundo tempo, o jogo chegou a ser interrompido por oito minutos. Depois de o árbitro conversar com os dois treinadores, o jogo foi reiniciado. Já no final do jogo após confusão com o goleiro do Valência, Vini Jr. foi expulso. Depois em seu perfil no Instagram Vini Jr. desabafou: “O prêmio que os racistas ganharam foi a minha expulsão! ‘Não é futebol é a LaLiga’”.

Imagem 04: Post publicado na rede social Instagram no perfil do jogador de futebol Vini Jr.



Fonte: perfil de @vinijr.

Essa última parte do desabafo de Vini Jr. faz menção ao slogan da LaLiga espanhola de futebol utilizado em campanhas publicitárias da entidade. Nesse post de Vini Jr., temos uma captação e uma subversão (Maingueneau, 2010) do slogan da entidade espanhola de futebol: “No és fútbol, es @laliga”.

Com efeito, essa mudança de nome e da foto de perfil do jogador Edenílson, em suas redes sociais, ou mesmo a captação e a subversão do slogan da LaLiga por parte de Vini Jr. poderiam ser consideradas também exemplos de ressignificação discursiva? Ou haveria a necessidade de *fazer ranger*, no sentido de render ao máximo, essa categoria para dar conta de dados semelhantes ao do jogador do Internacional e do Real Madrid?

### 3 A revascularização discursiva: breves apontamentos<sup>5</sup>

A proposta de uma teoria discursiva da revascularização dialoga numa relação de *aliêmica*<sup>6</sup>, por um lado, com a discussão feita por Gayatri C. Spivak (2010) em seu ensaio seminal, publicado originalmente em 1985, no periódico *Wedge* e intitulado *Pode o subalterno falar?*<sup>7</sup> e, por outro, com a teoria da resignificação perquirida por Marie-Anne Paveau (2019a, 2019b, 2020 e 2021).

Para Spivak (2010), na atualidade, a tarefa do intelectual, longe de se propor como um porta-voz do subalterno, uma espécie de voz autorizada que denuncia as mazelas pelas quais passam os subalternos, é criar estrategicamente espaços enunciativos para que este último possa falar e, acima de tudo, possa ser ouvido. No entendimento da pesquisadora, esse tipo de trabalho do intelectual, o de criar espaços enunciativos para o subalterno, permite que se realize um trabalho contra a subalternidade, e não favor dela como tem sido feito até então. Essa perspectiva retira assim os subalternos da obscuridade enunciativa e histórica.

#### 3.1 Desobstrução discursiva simples: a parede do *Teatro de Bolso*

O procedimento cirúrgico denominado revascularização do miocárdio pode explicar algumas das práticas discursivas realizadas por alguns atores sociais, sobretudo, mas não só, os que se encontram numa condição de vulnerabilidade social, por meio do uso das mais variadas tecnologias.

O corpus dessa apresentação é construído por uma pequena coleção de exemplos<sup>8</sup> nos quais é possível perceber que um determinado sujeito, diante de um obstáculo (uma obstrução discursiva), acaba encontrando percursos alternativos para ultrapassar essas dificuldades. Perscrutamos que há dois tipos

<sup>5</sup> As discussões sobre uma possível teoria da revascularização vêm sendo desenvolvidas no projeto de pesquisa intitulado *Da resignificação à revascularização discursiva em contexto digital*, que conta com o apoio do CNPq, na modalidade de Bolsa de Produtividade em Pesquisa. Processo número: 307327/2021-3.

<sup>6</sup> Palavra-valise que junta aliança e polêmica.

<sup>7</sup> Em 2010, esse artigo foi traduzido para o português, pela Profa. Sandra Regina Goulart Almeida *et al.*, transformado num pequeno livro e publicado pela Editora da Universidade Federal de Minas Gerais – EdUFMG, com o título *Pode o subalterno falar?* (SPIVAK, 2010).

<sup>8</sup> Registro um Agradecimento muito especial ao meu aluno de graduação no Bacharelado em Linguística, Lucas Nascimento, por, gentilmente, fotografar as inscrições aqui analisadas.

de revascularização discursiva: a simples e a complexa. Tanto a primeira quanto à segunda têm de atender aos seguintes critérios por nós postulados: obstrução discursiva; percurso discursivo; fluxo discursivo e capilarização discursiva. Inicialmente, será apresentado um exemplo, que atende aos quatro critérios da revascularização discursiva simples, a partir da desobstrução simples. Observemos:

Imagem 05: Enunciado grafado na parede lateral do *Teatro de Bolso* da UFSCar.



Fonte: registrado por Lucas Nascimento

A imagem acima nos mostra a inscrição: "Tão passando o pano.... Mas o pano rasga!!!!!!". Essa inscrição no formato grafite foi feita na parede do *Teatro de Bolso*, que fica próximo ao Centro de Educação e Ciências Humanas – CECH

- da UFSCar, área sul do Campus São Carlos. A primeira parte do enunciado resgata uma expressão corrente na língua portuguesa. Essa expressão, segundo o *Dicionário Adolescente: três expressões viradas do avesso*<sup>9</sup>, “não é exatamente recente, mas entrou no dicionário porque tem sido muito usada pelos adolescentes. Hoje, passar pano é uma variação do varrer para debaixo do tapete, acobertar, omitir algo negativo sobre alguém”. Trata-se de uma denúncia, sobre um determinado problema na Universidade, “Tão passando pano”, que vem sendo acobertado por alguém, mas também, especialmente, a segunda parte do enunciado, se apresenta como uma advertência: “Mas o pano rasga”. De um ponto de vista da teoria da revascularização discursiva, temos os quatro critérios funcionando: 1) há uma obstrução discursiva – existe um problema na Universidade, assédio sexual por parte de professores, talvez???, que vem sendo acobertado pelas pessoas que deveriam resolver este problema e, por não resolverem, há uma advertência; 2) há um percurso discursivo sendo estabelecido, o problema é manifestado em forma de uma inscrição no formato grafite na parede de um prédio da Universidade. Essa parede fica num local bastante visível e muito movimentado no Campus, o que propicia a irrupção do critério 3, o fluxo discursivo e, por último, temos a capilarização discursiva, por exemplo, o fato de estarmos aqui analisando essa inscrição.

### 3.2 Desobstrução discursiva complexa: a parte esquerda da PROACE

O segundo conjunto de dados está materializado nas paredes da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis – PROACE, que também fica próximo ao Centro de Educação e Ciências Humanas CECH-UFSCar. Nessa inscrição é possível identificar a assinatura de uma autora, a Liz. No perfil @arte.liz da rede social Instagram há um pequeno vídeo mostrando a artista Liz, aluna da UFSCar, produzindo a inscri(ssurei)ção por nós analisada. Disponível em <https://www.instagram.com/p/C7kqkJJONYUG/>.

<sup>9</sup> Disponível em <https://extra.globo.com/mulher/resenhando-mae-de-adolescente/dicionario-adolescente-tres-expressoes-viradas-do-avesso-rv1-1-24622881.html>.

Imagem 06: Imagem materializada na parede lateral da PROACE/UFSCar<sup>10</sup>

Fonte: registrado por Lucas Nascimento

Diferentemente da inscrição anterior, nesta imagem temos manifestado no formato grafite, demandas da comunidade acadêmica, que não se restringem a um problema específico da UFSCar. Trata-se de uma reivindicação nacional do coletivo de alunos que acessam o Programa Nacional de Assistência Estudantil, o PNAES, reivindicando mais bolsas e que os valores sejam atualizados. Para um imaginário efeito de objetividade, vamos nos restringir à análise dessa demanda: *Por uma ação afirmativa da existência*. Esse enunciado se contrapõe a outro também presente na imagem que é *Permanência ou existência*? Também aqui é possível verificar o funcionamento dos quatro critérios da teoria da revascularização discursiva: 1) há uma obstrução discursiva, a política atual de permanência estudantil não possibilita uma vida digna aos alunos; 2) há o estabelecimento de um percurso discursivo, as reivindicações são inscritas no formato grafite na parede de um espaço institucional, isto é, nas paredes da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e

<sup>10</sup> Agradeço ao colega Fernando Henrique Rossit por gentilmente registrar essa imagem para nós.

Estudantis - PROACE/UFSCar, implicando o estabelecimento do critério 3, o fluxo discursivo, ou seja, a reivindicação ganha um outro tipo de materialidade, se constituindo num lugar de memória e, por último, temos a capilarização discursiva, no caso em questão, a materialização em outros ambientes das demandas do coletivo de alunos apresentadas alhures por uma política de permanência estudantil que efetivamente garanta a sua existência. Entendemos que se trata de uma desobstrução complexa não apenas pelo fato de o grafite manifestado se constituir a partir de várias semioses (texto verbo-visual), também não só por trazer novamente à tona uma demanda mais geral dos alunos, mas especialmente por constituir um lugar de memória dessas reivindicações manifestadas alhures. A renhida disputa pelos sentidos materializada nos termos permanência e existência nos mostra, por um lado, que como sabiamente nos diz Michel Foucault n'A ordem do discurso: "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder de que queremos nos apoderar (p. 10) e, por outro, que a revascularização discursiva é uma potente ferramenta de empoderamento.

### Um breve efeito de fim...

Como enunciamos no início do nosso capítulo ao longo dos últimos anos, nos estudos discursivos praticados no Brasil e no exterior, diversos têm sido os trabalhos acadêmicos que buscam compreender o funcionamento dos gestos de resistência nas práticas discursivas dos movimentos sociais. Citamos de relance dois desses trabalhos o de Indursky (2019) *O discurso do/sobre o MST* e Teun Van Dijk (2022) *O discurso dos movimentos sociais*. Esses trabalhos de extrema relevância social e pertinência teórico-metodológica para o campo dos estudos discursivos, no entanto, se concentram na análise dos discursos de coletivos, que de alguma forma historicamente conquistaram com muitas lágrimas, suor e sangue visibilidade perante a opinião pública.

Nosso trabalho, ao contrário, busca no batimento discursivo descrição/interpretação, apresentar como alguns grupos sociais minoritários no caso aqui coletivos de alunos, praticamente invisíveis ainda junto à opinião pública, por não estarem vinculados a uma instituição de classe como a União

Nacional dos Estudantes - UNE, constroem por meio de práticas discursivas como o grafite e outras formas de manifestação, entendidas por nós como *inscri(ssurei)ções*, estratégias discursivas de resignificação e de revascularização dos insultos e dos diferentes ataques que recebem de boa parte das instituições e da sociedade brasileira. Em outros termos, a nossa questão aqui não foi apenas falar das feridas abertas dos coletivos, mas mostrar como esses coletivos lidam com essas feridas, buscando curá-las e cicatriza-las. A analogia com a cicatrização de uma ferida nos parece particularmente pertinente teoricamente, pois assim como as *inscri(ssurei)ções*, brevemente analisadas, são lugares em que a memória deixa as suas marcas.

Em um seminário realizado em março de 2022, no IEL da UNICAMP, van Dijk asseverou que “os movimentos sociais se manifestam por meio de declarações, *slogans*, convocatórias, assembleias, entrevistas”. Modestamente acrescentaríamos que eles se manifestam também por *inscri(ssurei)ções*, que é uma das formas languageiras de esses sujeitos lidarem com os diferentes poderes que os oprimem. Como citado no final da primeira epígrafe: são esses “momento[s] [*in(scri)ssurgentes*] imprevisível[is] em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um *acontecimento histórico*, rompendo o círculo da repetição” (Pêcheux, 1990).

## Referências

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Trad. de Sírío Possenti, et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARGALIT, Avishai. **La Société Décénte**. Paris: Champs Flammarion, 2007.

MOIRAND, Sophie. L'apport de petits corpus à la compréhension des faits d'actualité. **Corpus**, n.18, 2018. DOI <https://doi.org/10.4000/corpus.3519>.

PAVEAU, Marie-Anne. **Langage et morale: une éthique des vertus discursives**. Limoges: Lambert- Lucas, 2013a.

PAVEAU, Marie-Anne. Féminismes 2.0. discours numériques de la génération connectée. **Argumentation et analyse du discours**, n.18, 2017a. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aad/2345>. Acesso em: 26 jan. 2022

PAVEAU, Marie-Anne. **L'analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques**. Paris: Hermann, 2017b.

PAVEAU, Marie-Anne. La ressignification: pratiques technodiscursives de répétition subversives sur le web relationnel. **Langage & Société**, n. 167, 2019a. Disponível em: <https://hal.science/hal-02145765>. Acesso em: 27 jan. 2022.

PAVEAU, Marie-Anne. La blessure et la salamandre: théorie de la resignification discursive. In: COLLOQUE DU CARISM. **Stigmatiser** : normes sociales et pratiques médiatiques. Paris: Université de Paris, 2019b. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02003667>. Acesso em: 27 jan. 2022.

PAVEAU, Marie-Anne. Feminismos 2.0. usos tecnodiscursivos da geração conectada. Trad. Julia Lourenço Costa. In: LOURENÇO, J.; BARONAS, R. L. **Feminismos em convergências**: discurso, internet e política. Portugal: Grácio Editor, 2020. p. 19-23.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne; BARONAS, Roberto Leiser; LOURENÇO, Júlia. **Ressignificação em contexto digital**. São Carlos: EDUFSCar-FAPESP, 2021.

PÊCHEUX, Michel. **Delimitações, inversões, deslocamentos**. Trad. de José Horta Nunes. Caderno de Estudos Linguísticos da UNICAMP, número 19, 1990.

PÊGO-FERNANDES, Paulo M.; GAIOTTO, Fabio A.; GUIMARÃES-FERNANDES, Flávio. Estado atual da cirurgia de revascularização do miocárdio. **Revista de Medicina**, v.87, n.2, p. 92-98, 2008. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v87i2p92-98>.